

# FIM DA 508 SUL?

## Artistas plásticos temem transferência de galerias

Omar Alves Abbud

A transferência das Galerias "A" e "B" da Fundação Cultural da 508 Sul para o Teatro Nacional, anunciada para setembro, pelo Diretor da Fundação, Carlos Mathias, em entrevista publicada na edição de domingo do **Correio Braziliense**, começa a ter repercussão na cidade.

Rubem Valentim, artista plástico radicado em Brasília há 13 anos, acredita que pode colaborar, dando sugestões, uma vez que, "sou um homem que tenho doado para a cidade, tenho participado da vida cultural de Brasília". Assumindo esta posição, "de colaboração", Rubem Valentim lembra que suas opiniões são "refletidas, fruto da vivência e da participação na vida cultural da cidade". Assim, para ele, a transferência das Galerias A e B para o Teatro Nacional não é uma idéia muito feliz. Aquelas Galerias são das melhores que eu conheço em todo o Brasil, tanto em condições de iluminação e espaço, quanto de localização. É sabido que, as exposições realizadas ali, atingem muito raramente menos de 1.000 pessoas. Nas duas exposições que ali realizei, tive público de mais de 2.500 pessoas. Isto contando apenas as pessoas que assinaram o livro de presença e a gente sabe que a maioria não assina.

E Rubem parece estar correto. Sabe - se que a exposição de Eliseu Visconti, promovida pela própria Fundação Cultural e pela TV Globo naquele local, foi visitada por mais de 8.000 pessoas que registraram sua presença no livro de frequência. Este é, ao que tudo indica, um dado que levanta uma outra questão: não será por falta de uma política mais agressiva, em termos de divulgação, que o público não frequenta as exposições realizadas em Brasília? Não se pode tomar este caso isoladamente, mas é certo que a exposição de Eliseu Visconti foi exaustivamente divulgada, o que parece ter sido a principal razão de seu sucesso.

Mas Rubem Valentim vai mais além. Ele afirma que, não se pode invalidar um local que já tem uma tradição de espaço cultural, o que, com certeza, garante grande parte do sucesso das exposições realizadas nas Galerias A e B. "Também é certo", prossegue Valentim, "que outra das coisas que favorece aquelas galerias é a sua localização. Ali, o povão passa na porta e sempre arruma um tempinho para entrar e ver o que é exposto. No Teatro Nacional, que fica isolado, poucos verão o que ali for exposto. Pode - se considerar que o Teatro Nacional fica perto da Rodoviária, mas se analisarmos a coisa, veremos que quem vai à Rodoviária, ou está indo para o trabalho ou para casa e, portanto, não terá tempo para ir até o Teatro Nacional ver uma exposição".



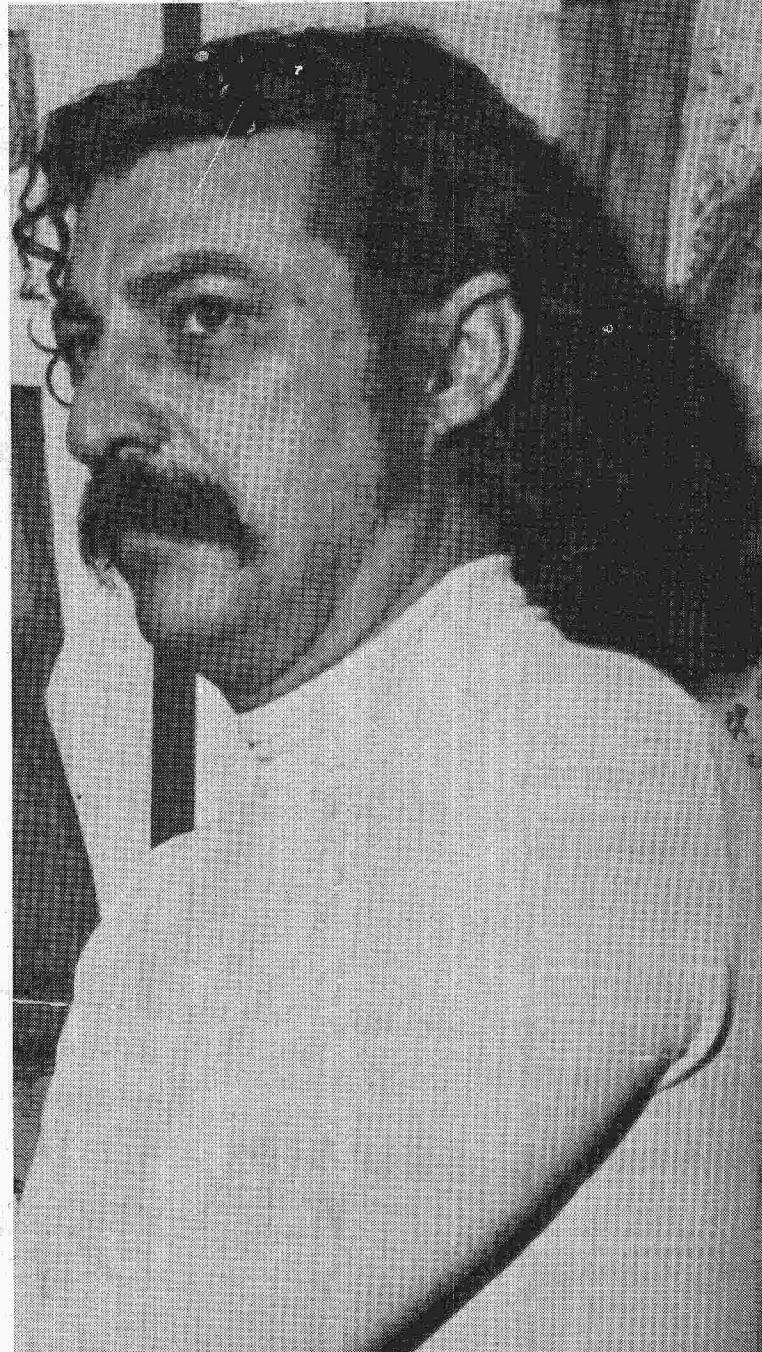
Memória CB

Rubem Valentim lembra o valor e a localização das Galerias "A" e "B" e não aceita suas desativações.

"E a coisa não termina aí. Aquela área da W/3, que abrange Cine Cultura, Escola - Parque, Galerias A e B, Galpão, Galpãozinho e Centro de Criatividade, já está consagrada como uma área cultural tradicional, conhecida do público. Não se pode colocar a arte longe do alcance do povo. Por falar nisso, lembro - me de uma exposição de artistas britânicos que vieram para a Bienal, realizada pela Funarte, ali naquela sala da Funarte. Eu fui a última pessoa a assinar o livro de presença e sabe quantas pessoas haviam assinado antes de mim? Somente 148. Agora, veja se é possível: realiza - se uma exposição de gabarito internacional, que custa dinheiro, para que somente 149 pessoas a visitem. Isto é o

que acontece quando se coloca a arte longe do público", prossegue Valentim. "É preciso lembrar que, locais como aquele não podem ser descartados. O Cine Cultura, por exemplo, foi o primeiro cinema de Brasília. Era uma espécie de pau - para - toda - obra. Ali se fazia de tudo que se relacionasse com arte. É, portanto, a tradição de um local, que não pode ser desperdiçada".

Rubem Valentim propõe que a W/3 seja transformada numa rua para pedestres, uma rua de cultura, "um lugar gostoso, onde se possa andar a pé", aproveitando - se a tradição que já existe em termos culturais nas quadras 507 e 508 Sul. Vale lembrar, a propósito, que exa-



Glênio Bianchetti é defensor da permanência das Galerias "A" e "B", na 508 Sul

tamente ali, existe a Praça 21 de Abril, abandonada, que foi utilizada há pouco tempo, com sucesso, pelo Grupo de Idosos do Sesc, para a promoção de serestas.

Já Athos Bulcão preferiu não opinar sobre o assunto, por acreditar que deve haver alguma razão de ordem administrativa para que se faça essa mudança. Glênio Bianchetti, outro artista plástico de Brasília também acredita que possa haver alguma razão para isso, embora tenha uma posição semelhante à de Rubem Valentim quanto à mudança. Ele acredita que essa transferência prejudicaria o acesso do público às exposições, já que "no fover das salas de teatro, as exposições serviriam apenas como

pano de fundo para espetáculos teatrais. Assim, só veriam as exposições o público que fosse assistir as peças".

Glênio acredita que as coisas não estejam funcionando direito. "O Cine Cultura está fechado e as instalações das Galerias e do Galpão e do Galpãozinho precisam ser melhoradas", com o que concorda Rubem Valentim, que propõe que as estruturas de madeira do Galpão, Galpãozinho e Centro de Criatividade sejam transformadas em estruturas de alvenaria. "A não ser que se pretenda algum tipo de centralização, não é uma boa idéia a transferência", diz Glênio. "Ali, o espaço já está consagrado e o público passa na porta".